

**O caminho, a verdade e a vida na escrita da história do século XIX: Ernest Renan e a perda da Cátedra de Hebreu do *Collège de France***

THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI\*

No dia 15 de janeiro de 1862 era publicado no *Journal général de l'Instruction publique* um relatório endereçado ao Imperador da França e assinado pelo então Ministro da Instrução pública e dos Cultos, Gustave Rouland (RAPPORT..., 1862). O objetivo deste relatório era possibilitar que o Imperador nomeasse um professor titular para a Cátedra de língua hebraica, caldeia e siríaca instituída no *Collège de France*. Para tanto, de acordo com Rouland, seria útil determinar os elementos do ensino neste cargo. Com isso em mente, o Ministro afirma que grande parte dos livros que serviriam para as lições da cátedra referida seriam livros santos. Nestes, a religião buscaria suas origens, suas orações e inspirações. Segundo Rouland, isto se deveria ao fato de que nas Faculdades de teologia o estudo da língua hebraica abrangeria necessariamente explicações tradicionais e dogmáticas, e seria a fonte de crenças para cada comunhão cristã.

Contudo, de acordo com o ministro, tal ordem de discussões não deveria tomar lugar no *Collège de France*, uma vez que a Cátedra de hebreu era laica. Assim, seu professor, como todos os cidadãos, deveria manter o respeito ao caráter sagrado da Bíblia, preocupando-se exclusivamente com as pesquisas do literato e do filólogo, deixando ao teólogo seu campo próprio. Por conseguinte, haveria o dever de manter-se exterior às polêmicas religiosas e de entregar-se às explorações úteis à inteligência e ao progresso da ciência das línguas semíticas comparadas.

Com o término da exposição deste programa base de ensino, o final do relatório explica que o *Collège* e o *Institut de France* teriam apresentado Ernest Renan (1823-1892), membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, para o cargo de professor titular da Cátedra, e o ministro teria a honra de propor à Majestade o decreto de nomeação.

Abaixo do relatório, estava o decreto no qual o “Imperador dos franceses”, Napoleão, pela “graça de Deus e vontade nacional”, atendendo a todos os pressupostos para tal ato,

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Assis. Pesquisa realizada sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Karina Anhezini de Araujo e financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: thiagomrudi@hotmail.com.

nomeava Renan, em 11 de janeiro de 1862, no palácio das Tulherias, professor titular da Cátedra mencionada (DÉCRETS, 1862).

Passado mais de um mês desse decreto, no dia 28 de fevereiro de 1862, era publicado no mesmo *journal* outra decisão de Gustave Rouland. Por sentença do Ministério da Instrução pública e dos Cultos o curso de Renan era suspenso até nova ordem com a seguinte justificativa: no discurso pronunciado no *Collège de France* para a abertura do curso, o “[...] Sr. Renan expôs doutrinas que insultam as crenças cristãs e que podem levar a lamentáveis agitações [...]” (ARRÊTÉS..., 1862:137, tradução nossa).

O que foi dito no discurso de abertura do curso de Renan para que tal decisão fosse tomada? Quais os desdobramentos desta suspensão? De que forma as reações de Renan diante da perda da Cátedra possibilitam uma reflexão a respeito das imbricações entre escrita da história e diálogo social no século XIX?

A partir destas questões, o presente texto visa tratar esse evento como um momento oportuno para se compreender as tensões e possibilidades que envolvem a escrita da história no século XIX. Para tanto, esta narrativa será composta especialmente por dois momentos. O primeiro é o do discurso de abertura do curso de Renan, intitulado *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation* (RENAN, 1862a). O segundo trata de um pequeno livro no qual Renan procurou responder as principais críticas à sua aula inaugural e que tem como título *La Chaire d'hébreu au Collège de France. Explications à mes collègues* (RENAN, 1862b). Estes momentos possibilitam a feitura de alguns apontamentos a respeito dos desdobramentos desse debate em duas edições do livro de Renan *Vie de Jésus* (RENAN, 1863, 1864). A leitura dos textos produzidos por Renan, nesta ocasião, propicia uma importante reflexão a respeito de sua concepção de história, dos propósitos institucionais e da sociedade em geral<sup>1</sup>.

O primeiro destes textos foi pronunciado no *Collège de France* no dia 21 de fevereiro de 1862. Renan iniciava este discurso afirmando o quão orgulhoso se sentia de ter

---

<sup>1</sup> O objetivo específico do texto ora apresentado está inserido em uma pesquisa intitulada “Tensões e possibilidades da historiografia francesa no século XIX: o caso Ernest Renan (1848-1863)”, ainda em andamento, na qual se busca interpretar os procedimentos e concepções que norteiam a escrita de Ernest Renan tomando como fontes privilegiadas seus artigos publicados em periódicos, os prefácios de seus livros e as atas das instituições que este historiador fora membro entre os anos de 1848 e 1863. Dessa forma, a melhor delimitação do recorte final desta pesquisa é uma das problemáticas intrínsecas ao presente texto.

conquistado a Cátedra de hebreu, ocupada desde o século XVI por elevados homens. Começa-se pela afirmação de que o “espírito” de seu ensino seria o mesmo que motivou a criação desta instituição, ou seja, a proposição de um “asilo para a ciência livre”. Esta proposta implicaria, segundo o autor, a “completa independência da crítica”, a “pesquisa desinteressada do verdadeiro” e a “discussão imparcial”. Por meio desses pressupostos, as únicas regras conhecidas por este lugar deveriam ser aquelas do “bom gosto e da sinceridade”. Renan confessa que sabia das dificuldades inerentes à Cadeira que acabara de ocupar. Até por que, o privilégio e o perigo dos estudos semíticos estariam em sua capacidade de tocar nos problemas mais importantes da história da humanidade. Contudo, de acordo com o autor, em seu curso não haveria dogmatismo, e sempre se prezaria pela razão e liberdade de julgamento do público ao propor o que ele acreditasse ser “o mais provável”. Com isso, alguém poderia se queixar? A resposta de Renan é afirmativa. Pois, todos aqueles que acreditassem deter o “monopólio da verdade” poderiam se queixar. Mas seria preciso que estes renunciassem o título de mestres do mundo. Nas palavras do autor: “em nossos dias, Galileu não se colocaria mais de joelhos para retratar o que ele pensava ser a verdade” (RENAN, 1862a:8).

O princípio do discurso de Renan é, portanto, emblemático das diretrizes de seu curso e da concepção mais geral de que a descoberta da verdade seria o “objetivo sagrado da ciência”. Contudo, percebe-se já neste início uma das características recorrentes dos textos renanianos: a concepção de que a busca imparcial e desinteressada da verdade não excluiria necessariamente um conhecimento do “mais provável”, que impede o monopólio da verdade ao relativizá-la.

Além disso, no caminho da ciência ao seu resultado (a verdade) existiriam outras nuances relacionadas principalmente com as formas de apresentação. Para o autor, se nem todos estavam destinados a serem químicos, físicos ou filólogos e, assim, fecharem-se em laboratórios durante anos em uma experiência, todos, no entanto, participariam dos resultados destas ciências. Desse modo, expor os resultados desprendidos do aparelho que serviu para descobri-los seria até útil. Mas o *Collège de France* não seria o lugar para isso. Nesta instituição, o aparelho da ciência mais “especial e minuciosa” deveria ser aberto por meio de “laboriosas demonstrações” e “pacientes análises”. Este seria o intuito do curso, segundo Renan. Tornando-o mais específico: “é o próprio laboratório da ciência filológica que está

aberto ao público [...] para que as pessoas do mundo possam ter uma ideia dos meios empregados para chegar à verdade” (RENAN, 1862a:9).

Estes “desenvolvimentos muito técnicos” não seriam o foco da primeira lição de Renan. Nesta ocasião, o autor preferiu tratar do “caráter geral dos povos” cuja literatura e língua seriam estudadas, em busca do “papel” desempenhado por eles na história e da “parte” fornecida por eles à “obra comum da civilização”. Mas qual “civilização”? Que “história”? Quais seriam as possibilidades de um estudo dessa natureza?

Segundo Renan, no início do século XIX, as ciências históricas e filológicas tinham chegado ao seu resultado mais importante, ou seja, o de mostrar que dois elementos se misturaram em proporções diferentes no “desenvolvimento geral da humanidade” fazendo, assim, a “trama do tecido da história”. Dois “elementos” ou, dois “povos”, ou ainda duas “raças”. Para Renan, toda a história poderia ser “vista” a partir de uma “mistura” entre semíticos e indo-europeus.

Neste sentido, Renan mobilizou alguns argumentos e autores para comprovar a possibilidade deste movimento geral da história. Segundo o autor, desde o século XVII ou até mesmo desde a Idade Média, já existiria o reconhecimento de que Hebreus, Fenícios, Cartagineses, Sírios, Árabes, Abissínios e a Babilônia falavam línguas “perfeitamente congêneres”. No século XVIII, Eichhorn nomeara tais línguas de “semíticas”, alcunha que segundo Renan era inexata, mas ainda poderia ser empregada. Nos primeiros anos do século XIX, outra descoberta “importante e delicada” teria sido realizada. Por meio do conhecimento do sânscrito, filólogos da Alemanha, especialmente Bopp, estabeleceram os princípios para explicar a formação de um vasto conjunto profundamente distinto do grupo semítico. Nomeado indo-germânico ou indo-europeu, este seria constituído pelos antigos idiomas da Índia bramânica, os diferentes dialetos da Pérsia, o armênio, vários dialetos do Cáucaso, as línguas grega e latina com seus derivados, as línguas eslavas, germânicas e célticas.

Se o “laboratório filológico” com suas “minuciosidades técnicas” ainda não poderia ser aberto, os “grandes resultados” desta disciplina e de seus “experimentos” permitiram que Renan refletisse, filologicamente, todo o movimento histórico (SAID, 1990). Os dois nomes citados pelo erudito francês não são aleatórios. O teólogo protestante Johann Eichhorn (1752-1827) possibilita um entrecruzamento de importantes referências. Professor da Universidade

de Göttingen, Eichhorn pode ser localizado junto a nomes como Herder e Michaelis na revolução dos estudos bíblicos que contribuiu, no século XVIII, para um impulso nas investigações a respeito do Oriente (SAID, 1990). Nestes estudos, o teólogo alemão pôde, assim como Johann Gabler e Bruno Bauer, conceber os textos da bíblia como uma fusão entre mito e história. A referência a estes debates teológicos realizados na Alemanha tem duas implicações para o presente texto. Por um lado, foram tais embates que possibilitaram a emergência de uma das obras de maior polêmica do início do século XIX: a *Vida de Jesus* (1835) de David Friedrich Strauss. Nesse livro, a “autenticidade” de toda a história evangélica foi posta em questão. Por outro lado, esta relação entre teologia e história nos séculos XVIII e XIX, permite repensar a profissionalização e cientificização da historiografia – lembrando que autores como Ranke e Burckhardt partiram da filologia e da teologia à história (BOUVIER, 2010; DUFOUR, 2010; MATA, 2010).

A referência a Franz Bopp (1791-1867), considerado o fundador da linguística comparada alemã, oferece ainda mais “brilho” ao Oriente e ao estudo das línguas. Bopp e seu professor, Silvestre de Sacy (primeiro presidente da *Société Asiatique*), contribuíram para uma revolução na filologia. Por meio de uma ciência comparativa que partia da premissa de que as linguagens pertenceriam a famílias (a indo-europeia e a semítica como dois exemplos), a obra de Bopp rompeu e desacreditou a dinastia divina da linguagem – até por que o sânscrito era mais antigo que o hebreu (SAID, 1990). Houve pelo menos dois “encontros” entre Renan e Bopp. O primeiro foi no momento em que Renan concorre ao prêmio *Volney* de 1847, organizado pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Renan conquista o prêmio com um esboço de sua futura *Histoire general des langues sémitiques* (publicada 1855). Neste escrito, o erudito francês procurou fazer com as línguas semíticas o mesmo que Bopp teria feito com as línguas indo-europeias, trazendo o semítico para uma posição “nítida” e “glamorosa”. No mesmo ano de 1847, Renan entraria para a *Société Asiatique*, instituição da qual Bopp já fazia parte (DATE-TEDO, 2007; SAID, 1990; SIMON-NAHUM, 2001, 2008). Dez anos depois, em 1857, houve o segundo “encontro”. Com a morte de Augustin Thierry,

Renan foi eleito membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Neste ano, Bopp era “pomposamente” nomeado associado estrangeiro desta instituição (NOTICE..., 1858)<sup>2</sup>.

Seguindo com o discurso, Renan demonstra que esta “linha de demarcação revelada” pelo estudo comparado das línguas não demorou a ser fortalecido pelo estudo das literaturas, dos costumes e das religiões. Um dos exemplos utilizados por Renan foi a fundação na Alemanha de uma “mitologia comparada”. Por meio desta, além de uma mesma língua, haveria uma mesma religião na origem dos povos semíticos e dos indo-europeus. De um lado o monoteísmo e do outro o panteísmo. Mesmo que o autor não cite nomes, a referência a esta nova forma de estudos pode estar relacionada, dentre outros, a Max Müller (1823-1900). Considerado muitas vezes como o criador do termo “ciência da religião”, este estudioso de filologia apostou no caminho comparativo de Bopp como o melhor para o estudo científico da história das religiões (BOUVIER, 2010; DUFOUR, 2010; MATA, 2010). Assim como Renan, Müller foi laureado pelo prêmio *Volney* em 1849 e eleito para a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* em 1858 (TRAUTMANN-WALLER, 2008; ÉLECTION..., 1858).

Com o traçar deste caminho, Renan poderia afirmar agora em alto e bom tom: “eis assim duas individualidades perfeitamente reconhecíveis, que preenchem de certa forma quase todo o campo da história, e que são como os dois polos do movimento da humanidade” (RENAN, 1862a:12, tradução nossa). Autorizado pelas instituições e pelos estudos mencionados até aqui, o erudito francês pôde vigorosamente reafirmar seu entendimento a respeito do movimento da história. Mesmo que os dois “povos” indicassem uma “mistura” e um “emaranhado”, seria também possível reconhecer duas “individualidades”. Singularmente coletivos, ambos “tramariam” e “preencheriam” quase todo o “tecido” e “campo” da história, como dois “polos” movimentando a humanidade (KOSELLECK, 2006). Mas quais seriam as direções da trama e/ou do movimento da história? Quais os sentidos desses “polos” da

---

<sup>2</sup> Nas atas da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, referentes a dezembro de 1858, pode-se ler uma *Notice bibliographique* a respeito da vida e da obra de Bopp e das suas relações com *savants* franceses. Há a citação de diversos trabalhos de Bopp, com pomposo destaque a sua obra comparativa a respeito do sânscrito. Afirma-se que suas obras “fazem época na história da gramática, da literatura indiana e da filologia comparada” contribuindo para a “naturalização” da literatura sânscrita na Europa *savante*.

humanidade? Seriam aqueles conhecidos como positivo e negativo? Se “quase” todo o campo da história fora preenchido, quem estaria fora desse jogo da humanidade e por quê?

O autor prontamente destacou dois povos que “deixaria de lado”. A China, por ser um “mundo a parte”, e as raças tártaras, por terem agido de modo a destruir a obra dos outros. Destacou também dois outros “tipos de civilizações” que haviam entrado na “cena”, ou no “palco” da história, antes dos semíticos e dos indo-europeus: o Egito e a Babilônia. Segundo Renan, estes povos participaram consideravelmente na história do mundo, propiciando ao seu presente elementos industriais e uma longa experiência da vida material. Mas além de estar pouco “desenhado aos olhos da história”, tudo isso “empalideceria” quando próximo dos fatos que compõem a “grande corrente da história” (CEZAR, 2004). Da missão de Moises até a conquista do mundo pela Europa moderna, esta “grande corrente” seria formada pela mistura de “dois rios” dos quais todos os outros “afluentes” seriam apenas “riachos”.

A partir da configuração dos atores e do palco que poderiam ser mais bem “vistos” por meio do “desenho” de dois rios correndo em direção à Europa moderna, Renan apresentaria seu objetivo central. Ou seja, o de “desemaranhar”, neste “complexo conjunto”, a “parte” de cada uma das “duas grandes raças” que conduziram o mundo até o presente. Uma condução que, segundo o autor, deveria ser entendida como combinada e simultaneamente antagônica. Contudo, esta “combinação”, prestes a ser “desenredada”, não deveria iludir o ouvinte. Pois a mistura destas duas raças (“perfeitamente distintas”, para Renan) seria, no passado e no presente, apenas uma mistura de ideias e de contribuições históricas. Nenhuma surpresa, mesmo por que “[...] a marcha da humanidade se faz pela luta de tendências contrárias [...]” (RENAN, 1862a:14). Assim, o conjunto formado por “contradições” e pelo “choque” de elementos “aparentemente inimigos”, propiciaria além de um movimento progressivo, a harmonia e a “paz suprema” (CEZAR, 2004; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012; HARTOG, 2003a, 2003b, 2011).

Com isso, a “parte” que os povos semíticos “deram” ao “grande conjunto orgânico e vivo”, chamado civilização, poderia finalmente ser buscada. O interessante é que a forma de seguir este objetivo possibilita compreender a concepção de civilização privilegiada pelo erudito francês. Pois o autor se dedicou à análise de cada elemento que comporia este grande conjunto. Além disso, parece que a seguinte questão toma centralidade: o que devemos a eles?

Desse modo, o texto segue questionando-se, por exemplo, qual teria sido a contribuição dos semíticos na questão da vida política. Para Renan, seus contemporâneos não deveriam qualquer coisa deste quesito aos povos semíticos. E em relação à arte e à poesia? Nada na arte, e algo na poesia. Segundo o autor, poetas como Lamartine não existiram sem os salmos. Na ciência e na filosofia, para Renan, “[...] nós somos exclusivamente gregos” (RENAN, 1862a:17, tradução nossa). Com relação à indústria e à vida material, haveria uma grande dívida para com os semíticos. Ainda mais quando acrescentada a esse aspecto a questão das invenções. Neste caso, um “dom de primeira ordem” colocaria os fenícios na “história do progresso”, ou seja, a escrita.

Mas de todos esses “órgãos” da civilização, um foi definido por Renan como “serviço capital”, “obra própria” e até como “missão providencial” da raça semítica. A grande dívida do Ocidente para com os povos semíticos seria a religião. O mundo inteiro, com exceção de alguns, adotara as religiões semíticas. Graças à formidável atividade religiosa dessa “grande raça”, o mais extraordinário acontecimento moral que a história guardara na memória teria se passado na Galileia. Segundo Renan, Jesus teria realizado uma profunda reforma no judaísmo, fundando a “religião eterna da humanidade”, uma religião desprendida de todo sacerdócio e culto e acessível a todos. Por isso, esse “fundador” poderia ser caracterizado como “um homem incomparável, tão grande que, embora tudo aqui deva ser julgado do ponto de vista da ciência positiva, eu não gostaria de contradizer aqueles que [...] o chamam de Deus” (RENAN, 1862a:23, tradução nossa).

Se no decorrer de todo o discurso foi perceptível uma tensão entre ciência e religião, a última citação tornava-a ainda mais saliente. Tudo, inclusive Jesus, deveria ser “julgado” a partir de uma “sagrada” ciência da verdade. O “enigma” proposto por Renan desde o título de sua aula parecia resolvido. A “nossa” dívida aos povos semíticos fora decifrada. Mas um bom historiador moderno talvez não pudesse se contentar com isso. Alguém que conhecia tão bem o caminho progressivo da história, não esconderia dos ouvintes suas elaborações a respeito do presente e do futuro. (DÉLACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012; HARTOG, 2003a, 2003b, 2011; KOSELLECK, 2006).

Nesses últimos momentos da lição, o erudito francês argumentou que os indo-europeus do passado e do presente não abdicaram sua individualidade ao adotar o dogma

semítico. O cristianismo, devido às modificações no tempo, seria verdadeiramente “nossa” obra. E o futuro? Na “visão” de Renan, o futuro pertenceria à Europa, e somente à Europa. Ela conquistaria o mundo e espalharia sua “religião” do direito, da liberdade e do respeito aos homens. No lugar do dogmatismo, haveria a nuance e a *finesse*; no lugar do absoluto, haveria o relativo. Independente das diversas possibilidades do futuro, o dever, segundo Renan, seria o de buscar a verdade por meio do método científico.

Quatro dias depois, em 25 de fevereiro de 1862, a lição de abertura do curso de Renan foi publicada no *Journal des Débats politiques et littéraires* (RENAN, 1862c). Prevost-Paradol, redator deste periódico, ao apresentá-la, denotava tamanha satisfação com as emocionantes palavras de Renan que geraram em grande parte dos ouvintes gritos como “viva Michelet” e “abaixo os jesuítas”. Mesmo assim, segundo o redator, Renan conservou o “sangue frio”, aproveitando todos os momentos de silêncio do auditório para pronunciar “sábias palavras”. No dia seguinte, neste mesmo *journal*, eram publicados dois parágrafos com a autoria de Renan e muito próximos ao que fora defendido por Prevost-Paradol (RENAN, 1862d). Neste pequeno texto, Renan teceu uma crítica e um agradecimento. O autor agradecia àqueles que o ajudaram a pronunciar sua aula e criticava as pessoas que o interromperam. Este último caso teria significado, antes de qualquer coisa, uma pretensão de impor violentamente a opinião ao outro<sup>3</sup>.

No entanto, uma resposta mais bem sistematizada aos acontecimentos da aula e à suspensão do curso de Renan apenas seria publicada em março de 1862, no pequeno livro intitulado *La Chaire d'hébreu au Collège de France, Explications à mes collègues* (RENAN, 1862b). A primeira parte deste texto é extremamente significativa, pois o erudito busca narrar quais foram as suas pretensões ao se candidatar ao cargo no *Collège de France*.

O relato começa por se referir a 1857, ano da morte de Etienne Quatremère, professor da Cátedra de hebreu. Neste momento, Renan teria apresentado seu interesse em ocupar este lugar, aspirado por ele há muito tempo por se tratar de sua “vocação especial”. Esse desejo do autor era resultante do reconhecimento da “inferioridade crítica da França” referente aos “estudos semíticos antigos”. Desse modo, o objetivo de sua “carreira científica” sempre fora o

---

<sup>3</sup> Estes comentários, a respeito da lição de abertura do curso de hebreu do *Collège de France*, foram alocados no prefácio da publicação do discurso em livro e datam do dia 23 de fevereiro de 1862.

de reerguer estes estudos, quase que ausentes na França desde o século XVIII. Mas durante quatro anos o Ministro acreditou não dever nomear imediatamente alguém para o cargo.

“Em agosto de 1861”, quando repousava um pouco no Líbano, Renan recebia uma “benevolente comunicação” permitindo-lhe candidatar-se à Cátedra tão desejada. Quase como uma “revelação”, o conselho de sua “amada irmã” lhe apareceu naquele instante como único: nunca desistir deste cargo, mesmo diante de quaisquer dificuldades. Em um ano de “comércio contínuo com a antiguidade”, nesta missão à Fenícia encomendada pelo próprio Imperador, o erudito francês meditara a respeito dos “grandes problemas históricos”. Esta experiência e o conselho da irmã, que morreria poucos dias depois da comunicação referida para o cargo, teriam, segundo Renan, fortalecido ainda mais sua disposição (POMMIER, 1965).

Logo em seguida, as “explicações” de Renan se voltaram para a “natureza” da Cátedra. Partindo do programa de ensino apresentado pelo Ministro, o autor teceu considerações que entrelaçam Estado, religião e ciência. Antes de qualquer coisa, por ser uma cadeira “profana”, todas as discussões deste lugar deveriam evitar o “dogmatismo”, ocupando-se apenas dos estudos filológicos e históricos. Se a princípio esta afirmação parece somente uma repetição das diretrizes do decreto e de seu discurso, Renan tomaria outros caminhos aqui. Dizer das relações entre história e filologia, significaria para o autor a abordagem dos “desenvolvimentos” que tocam a “história em seu sentido mais elevado”. Desse modo, ao estudar uma passagem de um texto dogmático, por exemplo, o estudioso procuraria “simplesmente e puramente” o seu significado, tornando-se assim como o Estado, “neutro” em relação às questões religiosas.

Essa explanação de Renan prepara o terreno para responder à principal questão: como se referiu ao cristianismo? O início da resposta vem de forma interrogativa, pois o autor indaga como seria possível falar da “história geral do desenvolvimento do espírito semítico” sem dizer uma palavra a respeito do cristianismo. Por conseguinte, como dizer do cristianismo, sem falar de seu “ilustre fundador”? A grande questão, para o erudito francês, estaria na acusação de que ele teria atacado um dogma. Injusta, segundo ele, já que não mencionar, não significaria atacar. E, além disso, tratar o cristianismo daquela maneira respeitava a “lei fundamental” do *Collège de France*, referente ao veto de explicações que não

fossem científicas. E qual seria o “princípio essencial da ciência”? De acordo com o autor, “fazer abstração do sobrenatural”.

No entanto, talvez este encadeamento de argumentos um tanto gerais não atingisse o cerne do que o autor queria provar. A solução dada por Renan foi a de perguntar aos seus “caros colegas” e às suas respectivas ciências se eles também não trabalhariam, sem titubear, com o mesmo “princípio essencial”. Ou seja, quais seriam as reações do médico, do geólogo, do meteorologista, do físico, do químico e do matemático ao dizer-lhes da existência de um “agente sobrenatural”? Segundo o erudito francês, assim como o historiador, eles parariam suas pesquisas. Onde houvesse sobrenatural não haveria “ciência”, inclusive “ciência histórica”. E para que não restassem dúvidas a respeito dos intuítos de Renan, ele afirma que: “as ciências históricas não diferem em nada, pelo método, das ciências físicas e matemáticas [...]” (RENAN, 1862b:23-24).

A definição da história como ciência e, portanto, do historiador como cientista, serviu de base para que Renan criticasse o Estado ao suspender o seu curso. De acordo com o erudito francês não poderia haver distinção de liberdades entre um “professor de ciências históricas” e um professor de outras ciências. Todas as ciências negam a existência do milagre. Por que com a história seria diferente? E por que a história dos judeus apresentaria algo de particular? Para Renan, o estudo da história se tornaria impossível ao satisfazer todos os cultos admitidos pelo Estado. Este, em sua forma moderna, não possuindo uma religião oficial, deveria garantir a liberdade de expressão e não proteger dogmas particulares. “Assim, a liberdade é a grande solução de todos os problemas de ordem intelectual e religiosa” (RENAN, 1862b:27). E para que fosse garantido este “direito dos indivíduos”, “nas matérias intelectuais”, haveria um “axioma fundamental”: “o Estado não tem doutrina particular”.

Uma história compreendida como ciência do verdadeiro, a humanização de Jesus, a necessidade de separação entre poder temporal e espiritual. Tais posicionamentos foram reafirmados no livro mais conhecido de Ernest Renan: *Vie de Jésus* (RENAN, 1863). Neste estudo a respeito da vida do “sublime fundador” do cristianismo, o autor pôde utilizar seu objeto, em alguns momentos, no intuito de perpetrar duras críticas ao seu presente. Sublinhar algumas destas críticas possibilita a feitura de certos apontamentos a respeito dos desdobramentos do debate em torno da suspensão de seu curso no *Collège de France*.

Desde o final da introdução de *Vie de Jésus*, o erudito francês já criticava, por exemplo, àqueles que procuravam retirar Jesus da história. Pois segundo o autor, a “glória” e o “verdadeiro culto” a Jesus seriam prestados ao mostrar como toda a história seria “incompreensível sem ele”. Este pressuposto abriria caminhos para que Renan criticasse algumas das formas como o cristianismo era concebido pelos seus contemporâneos. Uma “mesquinha teologia”, presa a valores exteriores, que deturpava, segundo o autor, a “religião do coração” proposta por Jesus.

Este terreno de apontamentos gera novas possibilidades ao se considerar a publicação, em 1864, de uma “edição popular” de *Vie de Jésus* (RENAN, 1864). Segundo Renan, a “imagem” que ele havia traçado de Jesus ganhara certa atenção, por isso, pareceu-lhe um dever oferecê-la para as pessoas que Jesus mais amou: os pobres, os entristecidos, o povo. Com este imperativo, tanto o volume quanto o preço da obra original teriam que ser reduzidos, para que pudesse chegar a todos.

Ao lado destas questões, Renan ainda afirmaria que esta edição seria quase idêntica à original, tendo sido retirados apenas alguns trechos que poderiam causar “mal entendidos” ou que necessitassem de “longas explicações”. A imagem que o autor buscava apresentar ao público seria a de um Cristo “simples e puro”. Possivelmente, esta “pintura” se caracterizaria como a “mais verdadeira”, pois seria a forma concebida, vivida e adorada pelo próprio “povo” (CEZAR, 2004).

Aqui, assim como nos textos anteriores, “a história é uma ciência como a química, como a geologia” (RENAN, 1864:III, tradução nossa). E o “povo”, por uma “espécie de instinto profundo”, alcançaria rapidamente os mais elevados “resultados da ciência”. Ele veria, através das formas religiosas do passado, que nenhuma religião pode ter “valor absoluto”. Ora, para ser um “bom francês”, não haveria necessidade de crer nas visões de Joana D’Arc.

Por tudo isso, Renan afirma que poderia ser útil ao povo esta história da grande “revolução popular” e da vida de seu “melhor amigo”. Esta “lenda” traria alívio e conduziria à reflexão sobre os principais problemas de seu tempo: os problemas sociais. No término do prefácio desta obra, o autor afirma que ficaria feliz se “estes relatos do passado” fizessem com

que o “povo” esquecesse o presente e renovasse a “doçura” daqueles momentos que encantaram de alegria outros “humildes”.

Dos povos semíticos do passado, representados por Jesus, ao povo francês no presente de Renan, uma referência bíblica talvez permeasse as principais saídas e justificativas do autor diante da suspensão de seu curso. No “evangelho segundo João”, Jesus, em sua última ceia, causou grande aflição em seus discípulos por conta de sua despedida. O anúncio da perda gerou diversos questionamentos. Um destes teria perguntado a respeito do lugar para onde Jesus iria e qual seria o caminho para segui-lo. A resposta de Jesus fora a seguinte: “eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (BÍBLIA, João,14:6).

Este momento de perdas para Renan, da irmã e da Cátedra de hebreu, foi extremamente significativo para a construção de sua identidade como historiador, como homem da dívida, como aquele que nega a perda (CERTEAU, 2000). Diferentemente da “última ceia”, o consolo, desta vez, não viria nem do “Pai” e nem do “Filho”, viria da história, ciência possuidora de um “objetivo sagrado”: a busca da verdade. Mesmo que soubesse que “o talento do historiador consiste em fazer um conjunto verdadeiro com traços que são verdadeiros apenas pela metade” (RENAN, 1867:XX, tradução nossa)<sup>4</sup>.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassannezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-250.

ARRÊTÉS du Ministre. *Journal général de l'instruction publique*, v. 31, n. 18, p. 137, 28 fev. 1862.

Disponível

em:

<<http://books.google.fr/books?id=kyyjhiA5pQsC&printsec=frontcover&dq=journal+general+de+instruction+publique+1862&hl=pt-BR&sa=X&ei=U035UJLEJ8Ty0wHa0oCQCA&ved=0CC4Q6wEwAA#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução: Joaquim de Arruda Zamith. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 14, vers. 6.

<sup>4</sup> Esta afirmação se encontra na décima terceira edição de *Vie de Jésus*, publicada primeiramente em 1864, na qual Renan, por meio de um novo prefácio, buscava responder às críticas direcionadas a esta obra.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARÁ

BOUVIER, Agnès. La rencontre entre Flaubert et Renan autour des *Études d'histoire religieuse*. *Flaubert*, 4, 2010, [em linha]. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index1229.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, vol. 8, n. 10, p. 11-34, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_historia/vol10n8/07h\\_istorian10vol8\\_artigo01.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/07h_istorian10vol8_artigo01.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2011.

DATE-TEDO, Kiyonobu. *L'histoire religieuse au miroir de la morale laïque au XIXe siècle en France*. 2006-2007. École Doctorale "Sciences de l'Homme et de la Société", Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, Paris. Disponível em: <[http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/31/09/53/PDF/Kiyonobu\\_Date.pdf](http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/31/09/53/PDF/Kiyonobu_Date.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2011.

DÉCRETS. *Journal général de l'instruction publique*, v. 31, n. 5, p. 25, 15 jan. 1862. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=kyyjhiA5pQsC&printsec=frontcover&dq=journal+general+de+instruction+publique+1862&hl=pt-BR&sa=X&ei=U035UJLEJ8Ty0wHa0oCQCA&ved=0CC4Q6wEwAA#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DUFOUR, Philippe. La lettre perdue. Sur les historiens allemands du christianisme dans la "Revue des Deux Mondes". *Flaubert*, 4, 2010, [em linha]. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index1217.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

ÉLECTION et notice bibliographique de M. Max Muller, correspondant étranger de l'Académie. In: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, séance du 24 décembre 1858. 2º ano, 1858. p. 403. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai\\_0065-0536\\_1858\\_num\\_2\\_1\\_66125](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1858_num_2_1_66125)>. Acesso em: 25 jun. 2012.

HARTOG, F. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Régimes d'historicité, Présentisme et Expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003b.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARTE

\_\_\_\_\_. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NOTICE bibliographique de M. Franz Bopp, élu associé étranger de l'Académie. In: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, séance du 29 décembre 1858. 2<sup>o</sup> ano, 1858. p. 414-417. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai\\_0065-0536\\_1858\\_num\\_2\\_1\\_66128](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1858_num_2_1_66128)>. Acesso em: 16 mar. 2013.

POMMIER, Jean. Autour de la mission de Phénicie d'Ernest Renan. In: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 109<sup>o</sup> ano, n. 1, p. 126-141, 1965. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai\\_0065-0536\\_1965\\_num\\_109\\_1\\_11828](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1965_num_109_1_11828)>. Acesso em: 20 ago. 2011.

RAPPORT a l'empereur. *Journal général de l'instruction publique*, v. 31, n. 5, p. 25, 15 jan. 1862. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=kyyjhiA5pQsC&printsec=frontcover&dq=journal+general+de+instruction+publique+1862&hl=pt-BR&sa=X&ei=U035UJLEJ8Ty0wHa0oCQCA&ved=0CC4Q6wEwAA#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862a.

\_\_\_\_\_. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862b.

\_\_\_\_\_. [Lição de abertura do curso de hebreu do Collège de France precedida de comentários de Prevost-Paradol]. *Journal des Débats*, 25 fev. 1862c. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k452981g.langFR>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

\_\_\_\_\_. [Comentários a respeito da lição de abertura do curso de hebreu do Collège de France]. *Journal des Débats*, 26 fev. 1862d. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k452982v.langFR>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

\_\_\_\_\_. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. Disponível em: <[ftp://ftp.bnf.fr/610/N6102463\\_PDF\\_1\\_-1.pdf](ftp://ftp.bnf.fr/610/N6102463_PDF_1_-1.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864.

\_\_\_\_\_. *Vie de Jésus*. 13. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1867.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIMON-NAHUM, Perrine. Ernest Renan, Histoire du christianisme et histoire des religions. In: HILAIRE, Yves-Marie (éd.). *De Renan à Marrou. L'histoire du christianisme et le progrès de la méthode historique (1863-1968)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaire du Septentrion, 1999.

\_\_\_\_\_. Renan et l'histoire des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, 2001. p. 59-75. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel\\_0750-8069\\_2001\\_num\\_23\\_2\\_2833](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Du langage à l'histoire des langues. La théorie du langage d'Ernest Renan. », *Methodos* [En ligne], 2, 2002. Disponível em: <<http://methodos.revues.org/86>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. L'Orient d'Ernest Renan : de l'étude des langues à histoire des religions. *Revue germanique internationale*, 7, 2008, p. 157-168. Disponível em: <<http://rgi.revues.org/406>>. Acesso em: 15 mai. 2011.